



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Vozes, sons e memória no podcast Deixa que eu conto Amazônia
Débora Regina Bacega
Actas de Periodismo y Comunicación, Vol. 6, N.º 2, octubre 2020
ISSN 2469-0910 | <http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/actas>
FPyCS | Universidad Nacional de La Plata

Vozes, sons e memória no podcast Deixa que eu conto Amazônia

Débora Regina Bacega

deborabacega@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5770-5015>

Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil

Resumo

Este trabalho apresenta as narrativas compreendidas nos episódios do podcast Deixa que eu conto – Amazônia que foi criado durante o período de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19. Busca-se entender como essas as narrativas podem corroborar para a preservação de práticas socioculturais e memorialísticas de comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas brasileiras residentes na região amazônica. O *corpus* compreende o conteúdo de trinta episódios disponíveis na plataforma Spotify e redes sociais. Por sua vez, aciona-se os autores dedicados ao estudo de fenômenos mnemônicos e da cultura. Espera-se demonstrar como a rememoração dessas narrativas na ambiência digital também pode contribuir para resistência destes grupos sociais.

Palavras-chave

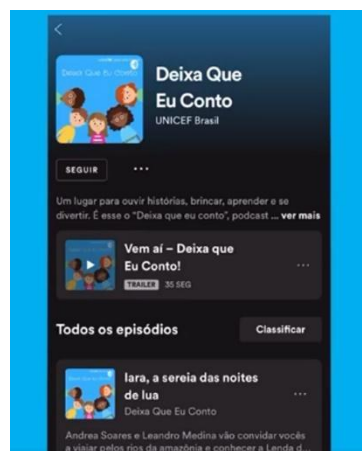
Memória e esquecimento. oralidade. podcast. Covid-19. Deixa que eu conto Amazônia.

Introdução

“Olá, pessoal, que está em casa. Está começando agora o programa Deixa que eu conto (...) [que]traz uma série de programas especiais dedicados à região amazônica onde vocês vão conhecer um pouco sobre os animais que vivem lá, as plantas e as

árvores da floresta, os rios e igarapés e, principalmente, saber sobre os povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas que moram lá, na região da maior floresta do mundo (...)"¹ Assim, começa um dos trinta episódios do podcast Deixa que eu conto - Amazônia², que foi criado no Brasil pelo UNICEF, durante o período de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19. Na sua programação, a série Amazônia³ contempla histórias, músicas, danças, sons, ruídos e saberes orais, além de informações sobre a flora e a fauna da região amazônica brasileira. Identificamos também o uso de linguagens que estimulam experiências corpóreas como convidar o ouvinte a fechar seus olhos e a abraçar as comunidades indígenas, ribeirinhas ou quilombolas dos seguintes Estados brasileiros Acre, Roraima, Amazonas, Rondônia, Amapá, Pará, Mato Grosso, Maranhão e Tocantins. Idealizado para o público infantil e interpretado por contadores de histórias, compositores e artistas cênicos, o conteúdo do podcast está disponível na internet (site, Facebook, Instagram, YouTube, Spotify e Panflix), como podemos observar na figura 1.

Figura 1 - Tela do podcast Deixa que eu conto Amazônia



Fonte: Spotify

Cada episódio tem duração média de trinta minutos e apresenta medidas sanitárias relativas à prevenção da doença, como a importância de lavar as mãos, de usar máscara e de ficar em casa para evitar possíveis contaminações, como notamos na transcrição a seguir: "vocês já lavaram as mãos hoje? (...) Mãos limpas ajudam a proteger a gente de muitas doenças, inclusive, deste tal coronavírus, é bem importante (...)."⁴

Por outro lado, compreendemos que as questões ambientais têm sido negligenciadas pelo Estado⁵, o que pode resultar no desequilíbrio do ecossistema comprometendo a preservação de populações indígenas, ribeirinhas e quilombolas que vivem na região amazônica brasileira. Por sua vez, as desigualdades socioeconômicas na América Latina e, mais especificamente, no Brasil agravaram-se com o cenário pandêmico, criando uma fissura ainda maior diante das emergências sociais, como podemos observar nas palavras do pensador português Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 28): “as pandemias mostram de maneira cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências”. No entanto, uma vez que esses áudios são organizados, agrupados e divulgados no formato podcast, pode-se perceber também a concepção de um acervo cultural que se reapresenta na ambiência digital, assim como, a sua expansão na mídia. Assim, buscamos, neste trabalho, entender como as narrativas compreendidas no podcast Deixa que eu conto Amazônia podem corroborar para a memória das vozes e dos saberes dessas comunidades diante da ameaça do esquecimento. Espera-se demonstrar como a rememoração dessas narrativas num programa de rádio on-line pode se converter também em preservação e resistência sociocultural destes grupos. Para embasar nossa análise, acionamos os estudiosos de fenômenos mnemônicos como Iuri Lotman e Boris Uspênski (1981), Maurice Halbwachs (1990), Michel Pollak (1989) e Paul Ricoeur (2007).

Narrativas e saberes orais na cultura

“Hoje, nós vamos contar para vocês uma lenda indígena de como surgiu o mundo (...) Conta a lenda que no começo de tudo não havia era nada. Só havia um deus, Tupã (...) que decidiu criar o mundo, que, na sua imaginação, era uma linda floresta (...)” Este é um exemplo de narrativa que faz parte do programa Deixa que eu conto Amazônia. Composto por 30 episódios, a série Amazônia apresenta temas relacionados a lendas, cantigas, sons, danças das culturas indígena, ribeirinha e quilombola como já mencionamos. Observamos que os episódios circundam as origens: da floresta, do açaí, da pororoca, do rio Xingu, mas também do pássaro Uirapuru, da sereia Iara, da flor da madrugada Vitória-régia ou da princesa curandeira Mugha, como podemos observar na figura 2:

Figura 2- Relação de episódios do podcast Deixa que eu conto Amazônia

| | |
|--|---|
| • Episódio 1 – A criação da floresta | • Episódio 16 – A origem da pororoca |
| • Episódio 2 – A origem da noite | • Episódio 17 – O romance do peixe-boi |
| • Episódio 3 – Porokopô, a panela de barro | • Episódio 18 – A onça e o bicho folharal |
| • Episódio 4 – Wató, a Pedra do Fogo | • Episódio 19 – O sonho na floresta |
| • Episódio 5 – A origem do açaí | • Episódio 20 – Muhga, a princesa curandeira |
| • Episódio 6 – Katuj e o renascimento da floresta | • Episódio 21 – A aparição da mãe do ouro |
| • Episódio 7 – Nazinha e o boto cor-de-rosa | • Episódio 22 – Tereza e o poço encantado |
| • Episódio 8 – Uirapuru, o pássaro encantado da floresta | • Episódio 23 – Rei Damião e o aprendiz generoso |
| • Episódio 9 – A cobra grande da Amazônia | • Episódio 24 – A história do cabelo de Ada |
| • Episódio 10 – Iara, a sereia das noites de lua cheia | • Episódio 25 – Coca Recola que o mato me deu |
| • Episódio 11 – Vitória-régia, a flor da madrugada | • Episódio 26 – A incrível história de boi Mimoso, pai Francisco e Catirina |
| • Episódio 12 – A chegada da noite para o povo <i>huni kujim</i> | • Episódio 27 – As três princesas turcas na Amazônia |
| • Episódio 13 – A cobra dos olhos que dançam | • Episódio 28 – O macaco e o jacaré |
| • Episódio 14 – O nascimento do Rio Xingu | • Episódio 29 – Como nasceram as estrelas |
| • Episódio 15 – A aparição do Maringuari | • Episódio 30 – A festa no céu |

Fonte: Compilação da autora⁶

As histórias, por sua vez, são narradas em voz alta durante no programa o que também nos remete à importância da comunicação estética (Parret, 1997) que não se apoia apenas na linguagem escrita, mas nas reverberações sensoriais e da oralidade conduzidas pelos artistas cênicos que interpretam cada uma dessas práticas socioculturais.

Podemos entender a cultura como a memória não-hereditária da coletividade ainda que associada à experiência histórica passada (Lotman & Uspênski, 1981). Assim, o que garante ou não a transformação da informação em cultura é a longevidade dos textos ou dos códigos da memória coletiva graças ao sistema semiótico que compreende a relação entre todos os signos (Lotman, 1996). A transformação da informação (não-cultura) em cultura está intrinsecamente relacionada à seleção de determinados textos em esquecimento de outros. Dessa forma, a memória da cultura não é apenas uma, mas se torna internamente bastante variada, quando sua unidade existe somente em certo nível correspondente ao que relatamos como a organização interna das coletividades, constituindo o mundo de uma determinada cultura, como podemos observar nas palavras do semioticista:

o espaço da cultura pode ser definido como um espaço de memória comum, isto é, um espaço em que alguns textos comuns podem ser preservados e atualizados. A atualização desses textos se realiza dentro dos limites de algumas variantes de sentido que permite dizer que no contexto de uma nova época o texto conserva, com toda a variância de interpretações, a qualidade de ser idêntico a si mesmo. Assim a memória comum de uma determinada cultura está assegurada, em primeiro lugar, pela presença constante de alguns textos e, em

segundo lugar, pela unidade dos códigos, por sua invariância, ou pelo caráter ininterrupto e regular de sua transformação (Lotman, 1996, p. 109).

Retomando o podcast Deixa que eu conto Amazônia, podemos afirmar que as narrativas enquanto textos culturais sofrem contínuas atualizações, por exemplo, quando se fala de dicas para se proteger do coronavírus. Essa coleção de episódios se configura em um novo texto cultural que passa a compor também a esfera midiática das redes sociais e plataformas. Pensando com Lotman, podemos inferir que a memória cultural desses textos se torna longeva na geração de novos textos num *continuum* semiótico.

Por sua vez, Halbwachs (1990) fundamenta a memória enquanto fenômeno social. Assim, a lembrança de cada um de nós se apoia na recordação dos outros. Dessa forma, a memória se torna coletiva uma vez que os outros nos ajudam a configurar a memória comum a um determinado grupo social, o que de certa forma corrobora para a sua preservação identitária. Nesse sentido, a coletânea de narrativas no podcast rememora os saberes orais de grupos distintos: indígenas, ribeirinhas e quilombolas são convidados a contribuir com suas narrativas que serão encenadas pelos artistas cênicos no decorrer do programa.

Ao término de cada episódio, explica-se de qual Estado e comunidade brasileira se originam a história, além dos agradecimentos aos respectivos educadores regionais. Observamos que, no oitavo episódio *Uirapuru, o pássaro encantando da floresta*, quem recebe o abraço dos contadores de história são os integrantes da escola indígena Félix Tembê na comunidade Alto Rio Guamá, município de Santa Luzia do Pará, que atende a 680 crianças indígenas da etnia tembê⁷. Dessa forma, o podcast Deixa que eu conto Amazônia também reúne as narrativas da etnia tembê contribuindo para a sustentação da memória social desta comunidade nas redes sociais ainda que a circulação dos episódios esteja disponível, predominantemente, aos usuários de internet.

Memórias, dissidências e grupos sociais

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado, pode definir ou reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras entre grupos sociais distintos: partidos, sindicatos, famílias, nações etc. Em certa medida, a referência ao passado promete a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, ou seja, a memória é enquadrada nos relatos oficiais, nas

vozes autorizadas, nos objetos materiais como monumentos, museus, bibliotecas etc. Porém, este trabalho de enquadramento de memória tem limites, porque a memória é também mutável tanto individualmente quanto coletivamente. Assim, Pollak (1989, p. 203) amplia a discussão sobre a memória quando nos sinaliza que: “a memória é seletiva. nem tudo fica gravado. nem tudo fica registrado”. O sociólogo ressalta que as datas e os acontecimentos são estruturados do ponto de vista político, tornando a memória enquadrada, organizada sem revelar os conflitos que, porventura, existam em relação aos indivíduos que discordam das versões oficiais. Na visão do sociólogo, as memórias dos dissidentes são subterrâneas em relação aos discursos hegemônicos. Conseqüentemente, a memória se torna objeto de disputas. (Pollak, 1989).

Por outro lado, não existe uma memória por si mesma, mas sim a vontade de memória como condição para evitar o esquecimento. Sob essa ótica, Ricoeur (2007) aponta a necessidade de rastros mnésicos que ofereçam suporte a esses testemunhos dissidentes. Daí a importância dos rastros mnésicos como a memória do corpo e a dos lugares na condição de guardiões da memória individual e de grupos sociais. O historiador define arquivo como lugar físico e social que abriga o destino do rastro documental. No entanto, a constituição do arquivo está subordinada ao recorte narrativo uma vez que algo pode ser deixado de lado, não compondo um determinado arquivo (Ricoeur, 2007).

Retomando a série *Deixa que eu conto Amazônia*, podemos compreender cada um desses episódios como arquivos que refletem também a seleção e a disputa das narrativas das comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas. Ao ouvirmos a coletânea de 30 episódios, organizados no formato podcast, notamos a ampliação de vozes porque rememorar cada uma das cantigas, cada um dos saberes locais também é uma forma de romper com os discursos oficiais sobre a região Amazônica.

Nesse sentido, consideramos a dimensão documental do arquivo nessa disputa política da memória: quem pode lembrar e quem pode ser lembrado em contextos de desigualdades socioeconômicas. Como mencionamos na introdução, a exemplo do que ocorre nos países da América Latina, como o Brasil, o Estado não consegue “disfarçar a sua incapacidade, a sua falta de previsibilidade em relação a emergências [sociais]” citando novamente Santos (2020, p. 28). Percebemos que essas comunidades se tornam vítimas de apagamentos sociais e culturais, muitas vezes, agenciados pela omissão do poder público. Dessa maneira, graças à oralidade dos artistas cênicos, compositores, outras vozes são contempladas, apoiando os movimentos de resistência desses grupos sociais. Por outro lado, reconhecemos que

algo escapa quando essas vozes são mediadas e arquivadas, como já observamos. Ainda assim, a organização deste acervo cultural na ambiência digital também permite que esses episódios, enquanto textos culturais, tenham longevidade na memória das mídias.

Considerações Finais

Permeada pela paisagem sonora de vozes, ruídos, danças, música e cantigas, observamos as narrativas compreendidas na série de episódios Deixa que eu conto Amazônia, que está disponível nas plataformas digitais desde o início da pandemia de Covid-19.

Por sua vez, a transformação dessas narrativas em arquivos pode corroborar com a memória cultural, coletiva e midiática da região. De certa forma, a vontade de memória pode suplantar o esquecimento, contribuindo para a preservação de comunidades e grupos sociais já aviltados pelo abandono e silenciamento para além dos cenários pandêmicos. Nesse sentido, a memória pode se converter em esperança.

Referências

Ferreira, J. P. (fev. 1995). Cultura é memória. *Revista USP*, Brasil, n. 24, p. 114-120. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27032/28806>>. Acesso em: junho 2020.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora.

Lotman, I. (1996). *La semiosfera*, Madri: Ediciones Cátedra, V I.

Lotman, I., & Uspênski, B. (1981). Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In. S.T. de Menezes (Org.) *Ensaio de Semiótica Soviética*. Lisboa: Livros Horizontes.

Nunes, M. R. F. (1993). *O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica*. São Paulo: Annablume.

Nunes, M.R.F. (2001). *A memória na Mídia: a evolução dos memes de afeto*. São Paulo: Annablume, FAPESP.

Parret, H. (1997). *A estética da comunicação: além da pragmática*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 2. n. 3, p 3-15. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417> /.> Acesso em: 10 set. 2020.

Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp.

Santos, B. de S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina Ltda.

Santos, B. de S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica.

Thompson, P. (1998). *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra.

Thompson, P. (2006). Histórias de vida como patrimônio da Humanidade In.: *História falada: memória, rede e mudança social*. (Orgs) Worcman, K.; Pereira, J. V. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Notas

¹ Trecho do episódio 1: "A criação da floresta". Disponível em.: <www.unicef.org/brazil/deixa-que-eu-conto/>. Último acesso: 29 set. 2020.

² Disponível em: <www.unicef.org/brazil/deixa-que-eu-conto/>. Último acesso: 15 set 2020.

³ De acordo com os organizadores, a série contempla as manifestações culturais dos Estados que compõem a Amazônia Legal no Brasil.

⁴ Disponível em: "A criação da floresta". Disponível em.: <www.unicef.org/brazil/deixa-que-eu-conto/>. Último acesso: 10 out. 2020.

⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/amazonia/noticia/2020/10/09/amazonia-legal-teve-964-km-sob-alerta-de-desmatamento-em-setembro-mostram-dados-do-inpe.ghtml> /> Acesso em.: 12 out. 2020

⁶ Disponível em: <www.unicef.org/brazil/deixa-que-eu-conto/>. Último acesso: 15 set 2020.

⁷ Conforme narrado no episódio 8 "Uirapuru, o pássaro encantando da floresta". Disponível em.: <www.unicef.org/brazil/deixa-que-eu-conto/>. Último acesso: 10 out. 2020.